

O CRIMINOSO NATO DE CESARE LOMBROSO CORRELACIONADO À CIDADE DA LOUCURA

Mariane Crocoli¹
Ma. Luane Guarneri Azambuja

1 INTRODUÇÃO

O Hospital Colônia de Barbacena, institucionalizado em 1903, trata de diversas atrocidades que ocorreram na época, trazendo um conceito de manicômio que é considerado irracional nos dias atuais.

Mais conhecido como Colônia, o manicômio surgiu, em teoria, para sanar e tratar pessoas que tivessem diagnósticos de doenças mentais, pois na época a medicina e a psiquiatria eram muito incompreensíveis e pouco estudadas.

Diante disso, é plausível a necessidade de entender que existem controvérsias expostas do governo da época, onde percebe-se uma grande incidência política diante da direção do manicômio e sua localização.

Se tratando de um assunto secreto e tortuoso, Daniella Arbex também conseguiu relatar em sua obra o que mais de 60.000 pacientes sentiram e presenciaram antes de encarar seu inevitável fim, a morte, com depoimentos de funcionários, residentes e pessoas que conseguiram sobreviver ao terrível holocausto.

O presente tem por finalidade, confrontar as teorias de criminologia crítica correlacionando ao estudo de Cesare Lombroso, elucidando as farsas governamentais da época e a comparação com os campos de concentração do que foi vivido na Alemanha Nazista.

Este trabalho encontra-se estruturado da seguinte maneira: em um primeiro momento será apresentada a conceituação da teoria de Cesare Lombroso, seguido pela relação do autoritarismo penal da época com a Alemanha nazista, posteriormente será adentrado a problemática da farsa governamental em consonância com o induzimento à um tratamento equivocado por parte do hospital e concluído com as considerações finais.

2 METODOLOGIA

¹Acadêmica do 6º Período do Curso de Bacharelado em Direito do Centro Universitário Santa Amélia - UniSecal, Ponta Grossa, Paraná. E-mail:marianecrocoli@outlook.com

33 Os métodos escolhidos para abordar o tema do criminoso nato correlacionado à cidade
34 da loucura foram dois, sendo eles o método dialético e histórico. Diante da técnica de pesquisa
35 escolhida, esta foi documental indireta e doutrinária, utilizando artigos e livros que contassem
36 algo mais aproximado sobre a história da época.

41 3 A PATOLOGIA CRÔNICA E BIOLÓGICA – O HOMEM DELINQUENTE

42 É sugestivo que na teoria em questão o delinquente seja elucidado com um diagnóstico
43 de doença mental, onde o mesmo sofre com uma tendência hereditária de pender para más
44 escolhas, não sendo possível inserir o criminoso em um rol de vítimas de um sistema
45 desfavorável (LOMBROSO, 1876).

46 No entanto, apesar de ser uma teoria criticada, Lombroso tornou-se criador da
47 antropologia criminal e da escola positivista do Direito Penal, trazendo dessa forma uma série
48 de movimentos de interpretação positiva, postulando seu nome como um grande doutrinador
49 da criminologia, psicologia jurídica e antropologia criminal.

50 É certo asseverar que Lombroso não falava livremente sobre pena de morte, mas
51 mostrava-se conveniente perante à mesma, elencando que o criminoso deveria ser
52 marginalizado e isolado da sociedade em geral, por ser considerado perigoso para a mesma,
53 como ele mesmo disserta em sua obra:

54
55 "Na realidade, para os delinquentes-natos adultos não há muitos remédios; é
56 necessário isolá-los para sempre, nos casos incorrigíveis, e suprimi-los quando a
57 incorrigibilidade os torna demasiado perigosos". (GRIFO MEU)
58

59 No que concerne à introdução do delinquente nato, este além de possuir características
60 hereditárias, tem seus comportamentos induzidos por fatores externos, sendo eles o alcoolismo,
61 a hipossuficiência, a religião, a cultura, clima e entre outros (LOMBROSO, 1876).

62 Em suma, o positivista acreditava que homens e mulheres que possuíam certas
63 características, como grau de sensibilidade à dor, sensibilidade ao tato, ausência de
64 sensibilidade afetiva, deficiências de visão, altura, raça, tatuagens, canhotismo e entre outras,
65 estavam mais propensos a cometer certos tipos de delitos por condição hereditária e intrínseca,
66 tornando-os assim delinquentes natos. No entanto, isso não deveria ser postulado como um
67 indicador criminológico com 100% de eficácia, uma vez que esses traços apenas gerariam uma

68 orientação para observar como se dá a seletividade de criminalização das pessoas mais pobres
69 e oprimidas socialmente (CIRINO, 2019).

70 Entende-se que diante da criminologia positivista em contraponto com a crítica, o
71 conceito do comportamento criminoso poderá ser dado de várias formas, sendo a importante
72 para este trabalho as biológicas ou psicológicas, estas devendo determinar o comportamento do
73 indivíduo. A partir do momento em que a causa psicológica é aceita, faz-se necessária a
74 definição do objeto real e o motivo concreto da proposição técnica, o que não é visto tanto na
75 teoria de Lombroso, como no Hospital Colônia de Barbacena para diagnosticar seus pacientes
76 (CIRINO, 2019).

77 Por findada esta parte, entende-se que os criminosos natos possuíam uma grande aversão
78 ao sentimentalismo, sendo todos muito insensíveis e impiedosos, fazendo com que sua
79 inteligência, apesar de serem considerados doentes, fosse ampliada diante da tendência
80 criminosa. Os criminalistas acreditavam que existia possibilidade de cura para tal situação,
81 elucidando que o autor do delito deveria ser conduzido primordialmente à um médico e não ao
82 sistema prisional, dando assim uma chance de recuperação ao delinquente (LOMBROSO,
83 1876).

84

85

86 *3.1 AUTORITARISMO X HOLOCAUSO*

87

88 O hospital colônia de Barbacena vigorou por muitos anos, mas os que estão em pauta
89 neste trabalho dizem respeito ao período de 1960 (mil novecentos e sessenta) à 1970 (mil
90 novecentos e setenta), tal qual foi o período onde mais houveram mortes no sistema macabro.
91 A nomenclatura de holocausto assusta aos olhos de quem lê, visto que foi usada para retratar o
92 genocídio de milhões de pessoas na era nazista, no entanto, diante da morte de 60.000 (sessenta
93 mil) pessoas internadas por qualquer motivo inoportuno e torturadas até a morte, é de se
94 entender a utilização de tal vocábulo (ARBEX, 2013).

95 Segundo o dicionário brasileiro de português, autoritarismo está elencado como uma
96 particularidade de quem é autoritário, modo excessivo de se comportar ou agir, sistema político
97 cujo poder encontra-se nas mãos de uma pessoa ou pequeno grupo excessivamente autoritário.
98 Ou seja, a partir da conceituação é plausível elucidar que houve extremo autoritarismo diante
99 do Hospital Colônia de Barbacena, afinal não há como uma instituição funcionar se não houver
100 um mandatário. Segundo o pensamento criminológico, entende-se que a pena deve ser
101 proporcional ao delito que foi cometido, estando sempre em consonância com a normativa

102 penal. No entanto, o sistema penal autoritário possui, muitas vezes, formas incivilizadas de agir
103 diante da penalização do indivíduo, trazendo à tona dessa forma uma crítica criminológica
104 radical para com a fundamentação do direito penal liberal (RAUTER, 2003).

105 Mas então, qual a comparação do autoritarismo penal do Manicômio de Barbacena com
106 o Holocausto vivido durante a Segunda Guerra Mundial? Ao adentrar o pavilhão do hospital, o
107 jornalista Luiz Alfredo retratou que acreditava estar vendo o Inferno de Dante em espécie, tal
108 história disserta sobre a divisão entre purgatório, inferno e paraíso. Pois então, ao ver a situação
109 em que os intitulados pacientes da trágica instituição se encontravam, o jornalista se recordou
110 da elucidação do inferno, torna-se entendível que o hospital não era necessariamente um lugar
111 de recuperação. O extermínio fundado por Adolf Hitler na Europa possuía justificativa na
112 política e na religião, prezando tornar a América ariana e pura. No entanto, apesar de uma
113 motivação hedionda, entende-se que havia um motivo por trás da dizimação de milhões de
114 pessoas. Já no que concerne ao Hospital de Barbacena, não havia justificativa alguma, fosse
115 esta plausível ou implausível, visto que existia a inverídica comprovação de que todas as
116 pessoas que estavam ali eram realmente doentes, e precisavam de uma recuperação (ARBEX,
117 2013).

118 A vinculação de um holocausto às duas hipóteses se dá diante da tortura, dor, aflição,
119 sofrimento e falta de esperança que todas as famílias envolvidas passavam, todos os que
120 estavam dentro dos campos de concentração, que estavam soltos nos pátios de Barbacena
121 cogitando se algum dia haveria a possibilidade de viver, ao invés de simplesmente sobreviver.
122 A psiquiatria observa o louco como uma pessoa mais propensa à cometer um delito, perigosos
123 e vítimas de sua própria condição que devem ser medicadas e afastadas para se tratar
124 (RAUTER, 2003). Dito isso, entende-se que o autoritarismo penal exacerbado não trata seus
125 delinquentes para que possam ser reintegrados na sociedade, mas sim utiliza o sistema de
126 punibilidade para julgar todo e qualquer delito que acharem válido, na psiquiatria como citado
127 anteriormente, existe a possibilidade de tratar o delinquente, sendo ele considerado uma vítima
128 de seu próprio distúrbio (RAUTER, 2003).

129 Contudo, diante dos fatos mencionados entende-se que nunca houve uma possibilidade
130 de reinserir os indivíduos em sociedade tanto nos campos de concentração quando no
131 manicômio de Barbacena, o objetivo principal era punir, torturar e escravizar pessoas de todos
132 os tipos, homossexuais, negros, judeus, pessoas tristes, pessoas inadequadas par a sociedade e
133 muitas outras, trazendo um grande incentivo à um autoritarismo comandado por diversas
134 pessoas que partilhavam de tal pensamento hipócrita (ARBEX, 2013). Por fim, entende-se
135 diante de ideais da criminologia que foram incorporados ao direito penal, que o criminoso é um

136 doente, que a pena é para tratar e que a prisão serve para curar. Bom, como visto anteriormente,
137 entende-se que por mais que as pessoas que não possuíssem absolutamente nenhuma doença e
138 fossem tratadas como criminosas, o objetivo nunca foi e nunca viria a ser trata-las e cura-las.

139

140 **4 A FARSA**

141

142 É notório que para inserir todo um sistema psiquiátrico diante de uma época sem
143 precedentes faz-se necessária a estruturação de diversos integrantes, variando de financiadores
144 públicos como políticos e coronéis, até médicos e funcionários do manicômio, portanto, há de
145 se concordar que houve uma consonância mútua para que a miséria perdurasse por anos.

146 Como retrata no livro de Daniella Arbex (2013), o Hospital Colônia de Barbacena foi
147 inaugurado em 1903 (mil novecentos e três), sua localização em Barbacena – Minas Gerais,
148 não foi aleatória, visto que foi construído e vinculado à ela em forma de um prêmio de
149 consolação. Houve uma disputa entre Belo Horizonte e Barbacena para saber qual delas iria
150 figurar como capital de Minas Gerais, nessa disputa BH levou o troféu e Barbacena ficou com
151 o presente de grego, o hospital Colônia, para que este atendesse aos interesses políticos em geral
152 e gerasse retorno para a economia local. A partir da instituição do manicômio, houve a
153 distribuição de diversos empregos para os moradores da cidade, o que obviamente não foi dado
154 por caridade aos cidadãos, tais quais trocavam o seu “voto secreto” por uma oportunidade de
155 um ganha pão. Além de empregar diversos moradores sem o mínimo de formação intelectual,
156 o hospital também deu voz a vários coronéis mineiros que transformaram este em uma
157 aberração eleitoral (ARBEX, 2013).

158 O hospital dos loucos fora financiado e mantido pelo governo estatal, tal qual mandava
159 verba mensal para a manutenção deste, mas por algum motivo os doentes – se assim podem ser
160 nomeados – nunca ganhavam roupas para usar, embora a lavanderia sempre estivesse cheia
161 destas. O hospital foi fundado com capacidade para duzentos pacientes, mas em meados de
162 1930 (mil novecentos e trinta) a superlotação de 5.000 (cinco mil) pessoas já era um fato.

163 Não bastando toda a farsa estatal política ao redor de um lugar que deveria ser voltado
164 à cura, a Igreja Católica também realizou um apadrinhamento de tal irracionalidade da história
165 brasileira. Ao momento em que o Colônia vivia um colapso de superlotação, a Igreja resolveu
166 enviar freiras para residir no hospital, ajudar tanto os funcionários quanto os pacientes e passar
167 a palavra de Deus para fornecer conforto. No entanto, as freiras mudaram para a parte superior
168 do hospital, tal qual era separada dos demais pacientes, e estas nunca prestaram um serviço à
169 qualquer paciente, muito pelo contrário. As mulheres que eram pacientes do Colônia eram

170 utilizadas pelas freiras como escravas diariamente, fazendo serviços como arrumar, lavar,
171 passar, dobrar, e todas as outras luxúrias que fossem solicitadas pelas responsáveis por
172 “espalhar a palavra do senhor”. Tais serviços começavam as 04 horas da manhã de todos os
173 dias, após esse horário as freiras rezavam o terço e posteriormente retornavam aos seus
174 aposentos, ou seja, estas só serviram para aumentar a lotação do hospital.

175 Portanto, é inoportuno dizer que há apenas um culpado para a situação do Hospital
176 Colônia, diversas pessoas tiveram de ser totalmente complacentes fechando seus olhos para a
177 realidade, fazendo assim com que o holocausto se concretizasse. De forma que é citado no livro,
178 faz-se necessário o enaltecimento à frase, pode ter havido o disparo inicial do gatilho por apenas
179 um indivíduo, mas há sangue nas mãos de todos (ARBEX, 2013).

180

181 *4.1 O INDUZIMENTO À MARGINALIZAÇÃO E ADOECIMENTO*

182

183 Em Sorôco, sua mãe, sua filha, é possível observar a seguinte frase:

184 Para onde ia, no levar as mulheres, era para um lugar chamado Barbacena, longe. Para
185 o pobre, os lugares são mais longe. (GUIMARÃES ROSA, 2008).

186 Guimarães Rosa elucidou o que ficaria por anos marcado como o trem dos loucos, ou
187 trem de doido como foi chamado pelos mineiros posteriormente. O trem passava por todos os
188 pontos de dentro e fora da cidade, rodeando a chamada anteriormente como cidade das flores,
189 pegando cada pessoa que fosse distinta do padrão ou indesejável. Os que eram recebidos pelo
190 hospital não se tratavam exatamente de apenas doentes com distúrbios psicológicos, mas de
191 outros diversos motivos, pessoas tristes demais, pessoas felizes demais, negros, homossexuais,
192 mulheres estupradas por coronéis, ébrios habituais, pessoas que não eram necessárias
193 politicamente, grávidas menores de 18 (dezoito) anos ou antes do casamento, e entre outros
194 inúmeros casos. Seu Antônio, que ficou conhecido como ‘passadô de cabo’, não se recorda o
195 exato motivo que fez um delegado o mandar para o Colônia em 1969 (mil novecentos e sessenta
196 e nove), mas conta que se o inferno existisse seria igual aquele hospital (ARBEX, 2013).

197 Separados em pavilhões por sexo, assim que chegavam os novos pacientes precisavam
198 entregar todos os seus pertences, rouparia, sapatos e passar por um banho higienizador e
199 desinfetante, posteriormente eram rebatizados pois não possuíam mais seus documentos. Os
200 pacientes morriam por diversos motivos, fome, frio, doenças adquiridas no hospital, tortura,
201 mas em nenhum destes motivos se enquadravam os diagnósticos de doença mental, ou mesmo
202 a doença que os mandou para os hospital para buscar uma cura (OLIVEIRA & TOLENTINO,
203 2013).

204 O genocídio já era previsto há tanto tempo que ao passo em que era construído o
205 Manicômio, em consonância era feito um cemitério no mesmo terreno, para que abrigassem os
206 que não podiam ser enterrados com os demais. (BOHNENBERGER & DA CRUZ, 2020).

207 Entende-se, diante de tal situação hedionda, que o Estado fazia questão de torturar e
208 escravizar qualquer um que não fosse considerado adequado à época, trazendo em muitos
209 momentos a possibilidade de não justificar mais o motivo das idas para o colônia, e sim apenas
210 trancafiar as pessoas lá. Alguns por sorte tiveram a possibilidade de se libertar e contar sua
211 história para a jornalista Daniella Arbex, trazendo assim a possibilidade de conhecer mais de
212 perto uma história que assombra o antepassado brasileiro, infelizmente outros estão na
213 contagem de mais de 60.000 (sessenta mil) mortes do Colônia, tal qual trouxe miséria e
214 desgraça por décadas para estas pessoas e seus descendentes.

215

216 **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

217

218 Conclui-se, por fim, que os pacientes do Hospital Colônia de Barbacena e a Teoria de
219 Cesare Lombroso tem algo extremamente forte em comum, a existência de um padrão desejável
220 e outro indesejável pela sociedade, tais quais algumas pessoas se encaixam por estética,
221 preconceito ou qualquer outro motivo aleatório que considerarem. No início do Colônia era
222 mais presente a teoria de Lombroso, visto que retiravam pessoas potencialmente problemáticas
223 ou psicossocialmente indignas da vivência em sociedade, tornando ela parcialmente mais
224 habitável. É notório, também, que a comparação dos campos de concentração da era nazista
225 com o colônia não deve ser considerada errônea, visto que não havia princípios, moralidade,
226 bom senso, simpatia, ou muito menos um tratamento meramente digno, haviam pessoas
227 desesperadas para fazerem seus papéis com medo diário de morrerem, simplesmente por serem
228 elas.

229 Portanto, compreende-se que diante da Criminologia não havia estruturação alguma de
230 organização social, tampouco definição de qualquer crime de forma isolada ou como sistema
231 geral. Para esta, o Hospital Colônia de Barbacena foi simplesmente feito um genocídio em
232 massa com o nome de “hospital”, para que pudessem ter uma justificativa plausível aos olhos
233 de quem vê mas prefere não enxergar. Dito isso, a conclusão da problemática se dá afirmando
234 que há vinculação direta entre a Teoria de Lombroso, o Manicômio Colônia de Barbacena, o
235 Autoritarismo Penal exacerbado de classes superiores e o Nazismo da Segunda Guerra Mundial,

236 tornando-se todos como uma justificativa para ser uma sociedade preconceituosa, elitista,
237 imoral e abominável, para não dizer pior.

238

239

240

241

242

243

244

245

246

REFERÊNCIAS

247

248 ARBEX, Daniela. Holocausto Brasileiro. 1ª Ed. – São Paulo: Geração editorial, 2013.

249

250 BOHNENBERGER & DA CRUZ. Direitos humanos e o hospital colônia de Barbacena.
251 2020. Disponível em: file:///C:/Users/Mariane/Downloads/Anais-Jornada-e-Mostra-de-
252 Estudos-Juri%CC%81dicos-e-Sociais-2020.pdf. Acesso em: 29/11/2021.

253

254 DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em:
255 <https://www.dicio.com.br/autoritarismo/>. Acesso em: 29/11/2021.

256

257 DOS SANTOS, Juarez Cirino. A criminologia da repressão: crítica a criminologia positivista.
258 2. ed. São Paulo: Editora Tirant lo blanch, 2019.

259

260 GUIMARÃES ROSA, João. Primeiras estórias: Sorôco, sua mãe, sua filha. Rio de Janeiro:
261 Editora Nova Fronteira, 2008.

262

263 RAUTER, Cristina. Criminologia e subjetividade no Brasil. Vol 8. Rio de Janeiro: Editora
264 Revan, 2003.

265

266 TOLENTINO, Zelma Tomaz; OLIVEIRA, Liziane Paixão Silva. Um trem de doido: o
267 holocausto brasileiro sob a perspectiva dos direitos humanos. Publicado em 2013. Disponível
268 em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=972494a2e9aa540c>. Acesso em:
269 29/11/2021.